Spártacus

Ano I — Numero 3 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 16 de Agosto de 1919

PRINCIPIOS E FINS

No Congresso Comunista, aqui realizado em junho deste ano, apresentei, condensados em proposições, em cánones, os principios e fins do comunismo. Essas proposições foram discutidas na primeira sessão, ficando resolvido que uma comissão estudaria a redação final de algumas, das poucas não aceitas definitivamente. Sabem todos que a policia nos vedou segunda reunião no Centro Cosmopolita, indo os delegados, em grande número, reunir-se em Niteroi. O original do meu trabalho estava comigo para retoque e eu não pude comparecer ao segundo encontro.

Daí não se haver aprovado a sumula comunista por mim proposta. Como, todavia, as discrepancias foram mínimas e eu refiz os cánones incriminados pondo-os de acôrdo com o pensamento dos discrepantes, acho que estão virtualmente referendados pelo congresso estas declarações teóricas.

Evidente me parece a necessidade da sua publicação. Nossos inimigos não nos poupam intenções indignas; caluniam-nos propositadamente para incutirem, no animo dos trabalhadoses e da burguesia, horror aos nossos credos. Assim, muitas pessôas bem intencionadas lutam contram nós, conosco antipatizam por mal informados. Um resumo claro, metódico, em fórmulas sucintas, facilmente mostrará o que pensamos e queremos e, estou certo, levará muitos a lerem nossos livros. Estes *principios* e *fins* serão a carta de abecê introdutória do meu *Catecismo anarquista* que pretendo editar em livro.

Eis o meu trabalho:

I Os homens se associam para garantir sua existencia e reprodução, obter o máximo de felicidade, melhorar a espécie, fisica, mental e moralmente.

II O máximo de felicidade de um depende do máximo de felicidade de todos.

III Não correspondendo o regimen social vigente a tais fins, achamos indispensável uma reorganização completa da sociedade.

IV Só pela ciência se pode reorganizar a sociedade e manter-se com proveito.

V Sociedade é a união instintiva dos homens para o aproveitamento máximo das energias cósmicas e desenvolvimento máximo das energias humanas, com o minimo de desperdício total.

VI As energias humanas são de cinco especies: *fisica* (corpo são), *mental* (inteligência), *moral* (vontade), *pratica* (habilidade), *social* (solidariedade).

VII E' *bem* tudo quanto concorre para aumentar a energia útil ou evitar seu disperdicio, e *mal* tudo quanto concorre para aumentar o desperdício de energias ou evitar o seu aproveitamento.

VIII Um ato que acarrete desperdício de energias cósmicas, será *bom* desde que aumente as energias humanas, principalmente a solidariedade.

IX As energias cósmicas devem ser todas gratúitas como o sol e o ar. A Terra, energia cósmica deve ser gratúita; condenamos, por isso, sua repartição em lotes passíveis de compra e venda.

X O aproveitamento das energias cósmicas se faz pelo *trabalho*.

XI Todo o individuo tem direito á porção de energia cósmica suficiente para manter-se com o maiór conforto possivel, enquanto viver, sem prejuizo do confôrto alheio. Para isso deve concorrer com o máximo de trabalho útil exigido pela sociedade.

XII Cada indivíduo deve trabalhar segundo as suas forças para receber segundo as suas necessidades.

XIII E' antisocial e, por isso, imovel a apropriação e acumulação de energias por um ou mais indivíduos em detrimento dos demais. Condenamos, portanto, o regimen da *propriedade particular*.

XIV A propriedade particula naceu do roubo a mão armada e se mantém pela violência dos possuidores sôbre os não possuidores e pelo roubo dos grandes possuidores sobre os pequenos.

XV O regimen de apropriação e acumulação dos bens terrenos gera naturalmente a concorrência económica.

XVI Sendo a concorrencia económica a luta entre o homem para a apropriação e gozo individual do máximo de energias úteis, produz extraordinario desperdício de energias, criando serviços superfluos ou prejudiciaes (reclamos, agentes, processos, tribunaes, policias, exercitos, esquadras, funcionarios, diplomatas, comerciantes).

XVII Para manter esse regimen os possuidores garantem sua posse por meio do Estado.

XVIII O Estado, orgão sustentador da propriedade particular, baseia-se em *leis* impostas aos não-possuidores ou aos pequenos possuidores.

XIX A classe dos grandes possuidores, constitutiva do Estado, sempre criou para seus membros inumeros privilegios que os eximiam das leis. Somente as contínuas revoltas dos não-possuidores tem conseguido cercear taes privilegios.

XX O Estado garante a execução das leis protetoras da propriedade particular por meio da violência (força armada). O Estado é, por isso, instituição antisocial e imoral.

XXI O regimen social de propriedade acumulável (*capital*) cria a *agiotagem*.

XXII Agiota é todo aquele que tira sua subsistência, não de um trabalho *produtivo de riqueza*, mas de um *ágio* nos produtos dos trabalhadores. São agiotas todos os intermediários entre o trabalhador e o consumidor.

XXIII Os consumidores que não produzem trabalho útil (soldados, tabeliães, empregados em bancos, advogados, padres, etc.) embora não agiotas, concorrem para aumentar o ágio tomado pelos agiotas, porque são instrumentos dêles, por êles pagos.

XXIV Comunismo anárquico ou *anarquia* é o regimen social sem agiotagem.

XXV Sendo a *moeda* o instrumento da concorrência, não pode subsistir numa sociedade comunista.

XXVI Todos os vicios humanos (fumo, alcoolismo, morfinismo, jogo, prostituição, caftenismo, etc.) originam-se da concorrência economica, são por ela mantidos e garantidos pelo Estado.

XXVII Todo individuo tem direito de expôr seus pensamentos e crenças, associar-se para fins recreativos, cientificos, artisticos ou religiosos, desde que se evite a agiotagem.

XXVIII A educação deve obedecer á seguinte orientação psicológica: até os sete anos em geral, a criança educa as *percepções*; dos sete aos quatorze apreende as *noções*; dos quatorze aos vinte e um desenvolve o *raciocinio*. Deve haver, pois tres graus: *elementar, primario e secundario*.

XXIX A educação profissional (energia de habilidade) acompanhará gradativamente a educação mental.

XXX O ensino deve ser *integral* até os vinte anos e garantido para todos. Os indivíduos que revelarem vocações especiaes deverão especializar-se em curso *superior* (medicina, engenharia, pedagogia, ciências puras, etc.)

XXXI A educação comunista visa desenvolver o mais possivel a capacidade de energia de todos.

XXXII A sociedade comunista visa extinguir os prazeres prejudiciais, facultando, a todos os prazeres físicos, espirituais e morais verdadeiramente proveitosos.

XXXIII A sociedade comunista, por meio de seus congressos ciêntificos visa dar ordem ás pesquizas ciêntificas, feitas hoje sem orientação geral.

XXXIV Reconhecendo prejudicialíssima á saude e á moralidade a grande aglomeração de individuos, a sociedade comunista não admitirá cidades como as de hoje, criações do parasitismo explorador e da burocracia do Estado.

XXXV O fim mais alto do comunismo é a elevação da plebe aos sentimentos e gostos aristocráticos, substituindo, assim, a democracia atual grosseira por uma aristocracia humana geral.

XXXVI Sendo o *sufragio universal* um processo de usurpação politica da democracia, declaramo-lo prejudicial á renovação humana, repelindo qualquer plano revolucionario baseado nêle.

XXXVII Toda mulhér deve ter o curso completo de pedagogia, destine-se ou não a professora.

XXXVIII O amor deve ser livre, como o pensamento e o trabalho, de qualquér tirania ou preconceito. Amor *livre* não quer dizer *licencioso*, mas *libertado*; não é promiscuidade de sexos, mas liberdade de se unirem os sexos por afeição recíproca, sem medo de constituir familia, pois a sociedade comunista garante a manutenção de todas as crianças.

XXXIX Reconhecemos necessária e moral a prática da *eugenia*, para melhorar a espécie humana e evitar maiór degenerecência.

XL Proclamamos como ideal humano a *monogamia* e aceitamos como principio moral a fidelidade dos esposos.

XLI Condenamos, em principio, o celibato, sendo entretanto livre a qualquér individuo conservar-se celibatário ou fazer votos religiosos de qualquer natureza desde que não prejudique a outrem.

XLII Só tem direito aos produtos sociais quem trabalha, salvo os naturalmente incapazes.

XLIII Consideram-se incapazes de trabalho profissional os interditos, os menores de vinte e um anos, as mulheres nos tres ultimos mezes de gestação e no posparto, os velhos de mais de sessenta anos.

Eis os princípios teóricos. No próximo número virão as previsões práticas.

JOSÉ OITICICA

O comendador Astral, que desarrazoa na Razão *em nome das almas do outro mundo, descobriu por invocação patriotica uma conjuração de militares e trabalhistas contra o governo do divino Epitaphio e conclama a nação a se armar contra certos comunistas graudaços cujos nomes não constam da denuncia.*

O ilustre redentor Mattos está a farejar "encrencas" politicas capazes de definir a situação que todos sentem artificial e provisoria. Mas não arranja nada. Os seus oficiaes de mar e terra são fantasmas de outras éras e jamais poderão mudar a face das coisas. São bons rapazes ordeiros, pacifistas e de bom senso, comprehendendo admiravelmente o absurdo de fundar uma outra republica peior que esta.

E se acomodam ao lado do divino E. Pessôa, que afinal ha de mudar a face das coisas quando as almas do comendador acharem uma nova razão *para envenenar o ideal dos trabalhadores em marcha.*

Aurelino em férias

Aurelino Leal veranêa.

Depois de ter servido de instrumento vil de torturas nas mãos dos capitalistas, tendo levado muitas familias ao desespero, muitos infelizes ao crime pela eficaz educação da cadeia, Aurelino descança seus nervos abalados numa estação de aguas em Minas. Lá nas montanhas, ao abrigo do calor e dos sustos o ex-chefe de policia do Rio goza agora os fructos da sua subserviencia, do seu despudorado servilismo a serviço durante 5 annos dos industriaes cariocas.

A estas horas, por certo, muitas das suas victimas ainda estão sofrendo as consequencias das perseguições: falta de trabalho, boicote por parte dos patrões, miseria emfim.

Esse contraste serve de ensinamento. E' o premio ao algoz; o castigo das victimas que perdura.

E' natural que assim seja dendro desta sociedade.

E é util. Servirá de incentivo ao odio dos oprimidos, odio sem o qual não é possivel destruir o regimen capitalista, concretizado nas pessoas que o sustentam e que serão em tempos proximos suas ruinas humanas.

E Aurelino será uma delas.

Póde descançar agora. Passará o susto, revigorar-se-ão os nervos, voltará a calma a seu espirito. Mas os instinctos de rafeiro lhe hão de persistir atravez das suas futuras funções sociaes. E quando soar a hora da luta extrema, Aurelino se achará de novo ao lado de seus ex-donos a latir e a rosnar. Então uma de suas victimas fará o gesto necessario: uma pedrada que lhe quebre os dentes... e êle não morderá nunca mais!

Ricardo Ferreira.

UM PARALELO OPORTUNO

Sobre a legislação trabalhista

Mostra-se empenhado, o sr. Epitacio Pessoa, no rapido andamento da legislação trabalhista, entre nós. Representando a burguezia brazileira na Conferencia da Paz, o actual presidente da Republica tomou, então, solenes compromissos sobre o assunto, e é claro, assim, que o seu empenho, visando cumprir taes compromissos, ha de por força orientar-se pela mesma róta firmada ali, no congresso de Paris. Ora, sobre este mesmo assunto, julgamos de plena actualidade divulgar a opinião do camarada Antonio Canelas, legitimo representante do proletariado brazileiro, tendo, como tal, participado da recente Conferencia Internacional Sindicalista de Amsterdam. Trata-se dum artigo aparecido na *Batalha*, de Lisboa, quando por ali passou Canelas, em março ultimo. Impõe-se o paralelo: a voz de Canelas, proletario, contra a voz de Epitacio, burguez...

Durante a guerra, quando os governos necessitavam sobremaneira do esforço e da submissão operarias, prometia-se aos trabalhadores não sei quantos beneficios e reformas — uma verdadeira éra nova — para quando terminasse a grande carnificina.

Quem lêsse as declarações dos chefes de Estado da *Entente*, tinha a impressão de que grandes coisas estavam reservadas para esse operariado que concorrera com o seu sangue, com o seu trabalho e com o seu apoio moral para o esmagamento do militarismo prussiano.

E exaltava-se a todo passo o liberalismo dos Lloyd George, dos Clemenceau, dos Wilson...

Agora, que a guerra acabou, voltaram-se todas as atenções para as taes grandes reformas prometidas pelos chefes de Estado da *Entente*. Quaes seriam as taes reformas? Iam dar-se as fabricas aos operarios e as terras aos camponezes? Ia-se ao menos dar aos operarios uma participação nos lucros das fabricas e aos camponezes as terras incultas? Nada, nada disso... O grande presente que a Toda-Poderosa *Entente* guardava para os milhões de obreiros que lhe deram a victoria era a *legislação internacional do trabalho*! Poderá haver decepção maior?

Legislação nós sempre a tivemos e sempre a combatemos como nociva aos nossos interesses, ás nossas necessidades de desenvolvimento. Quando queremos qualquer parcela mais de bem-estar, não é sempre a lei e os guardiães da lei que se opõem ás nossas pretenções? E como nos vêm agora oferecer leis, quando o que precisamos é de garantias reaes ao nosso desenvolvimento e ao nosso bem-estar? Na encosta do Calvario da guerra, curvados sobre a pesada cruz dos sacrificios, pedimos agua e dão-nos vinagre... E o mais triste é ver que muitos operarios pensam ser o vinagre cortante da lei a reconfortante agua dulçorosa de que precisamos...

Mas não faz mal. Nesta questão si a vista se ilude, o paladar não se engana. Poderão muitos obreiros iludir-se á vista de tal legislação internacional do trabalho. Mas quando sentirem o «sabor», o amargo sabor dessa legislação que, como todas as legislações forjadas nas oficinas parlamentares burguezas, tem resabios de sangue e produz arrepios de dôr, todos os operarios se convencerão de que *não è de leis que precisamos*.

Uma lei é um simples pedaço de papel que só tem valor quando ha uma força efectiva a garantil-a. E nós, os operarios, não podemos esperar que a força estatal se ponha a garantir umas tantas leis de beneficio aos trabalhadores e de restrição ao poder do proprio Estado. Que o Estado é tanto mais poderoso quanto mais fracos são os individuos.

A legislação internacional do trabalho teria de ser garantida pela força dos trabalhadores e afinal teria o destino de todas as outras legislações, isto é, acabaria por ser sofismada, relaxada, inutilizada.

E quem sabe até si os Estados burguezes nos oferecem essa legislação como simples engodo que nos distraia, até eles, os Estados, terem reunido elementos para nos reduzir a uma maior submissão? Do Estado ha tudo que esperar. «O Estado é o mais frio de todos os monstros» — já dizia o Zaratustra. Os trabalhadores têm a esperar uma emancipação para «além» do Estado, nessas regiões onde o individuo é senhor de si proprio. Não podem coexistir o bem estar dos trabalhadores e o Estado. Um exclue o outro.

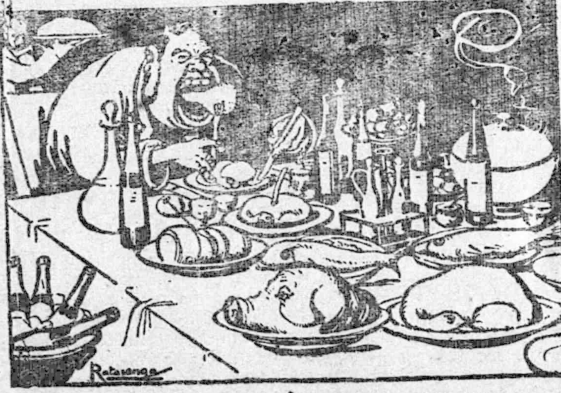
Por isso, eu aconselho aos trabalhadores ocidentaes (e sei que muitos já não precisam deste meu conselho) que se neguem a celebrar com os respectivos governos qualquer *modus vivendi*, qualquer acôrdo. Concito todos os trabalhadores a se manterem firmes, no terreno da luta de classes, olhando o Estado frente a frente e dizendo-lhe: «não descançarei emquanto não te destruir, ó sumo parasita; a minha emancipação se erguerá sobre a tua carcassa e por cima das tuas garras tiranicas».

Neste momento em que os nossos gloriosos exercitos maximalistas, reeditando os feitos dos invenciveis exercitos da Revolução Franceza, repelem os inimigos da liberdade para aquem das terras russas, neste momento em que a nossa victoria se desenha sobre o horizonte social, uma *legislação do trabalho* é uma migalha despresivel que devemos recusar. O nosso dever no momento presente é fazer alastrar por todo o mundo a grande e bela fogueira libertadora que está viva e acesa no extremo oriente da Europa, nessa Russia que os vindoiros relembrarão com uma admiração mesclada de assombro e gratidão e ternura e alegria...

Antonio Bernardo Canelas.

Esperar que as cousas e os factos se produzam por si mesmos e não fazer quanto esteja ao nosso alcance para produzil-os, o mesmo é que condenar-se á impotencia, reduzir-se á triste condição de cousa. — *Pedro Esteve.*

Nunca um governo, nunca uma classe privilegiada renunciou ao seu dominio, ou fez uma concessão verdadeira, a não ser constrangida pela força. — *Errico Malatesta.*

Todos por um

Um por todos

RERUM NOVARUM

Um entremez

Não sei como a rica burguezia, a finança, o capitalismo, todas as felizes potencias da terra festejaram a quêda do comunismo na Hungria. E' possivel que tenha havido festas publicas e particulares, oficiaes e privadas, nas ruas e nas casas, com discursos nos parlamentos e discursos nas familias. E' possivel tudo isso, como é possivel muito mais.

Houve um momento na historia, em que a burguezia foi, de facto, inteligente. Foi quando fez a revolução franceza e defendeu esta revolução contra as forças reacionarias de todos os paizes coligados. Mas este momento foi o unico. Desde então para cá a sua inteligencia diminuiu, mas diminuiu tanto e tão diabolicamente que quasi não ha sinál dela. A coisa, entretanto, explica-se, e com relativa facilidade. Na revolução franceza ainda a burguezia possuia um ideal. Quem dominava então, o mundo, moral e politicamente, era a casta dos nobres e a casta clerical. A burguezia estava então para estas duas castas mais ou menos como hoje está o povo, a plebe para com a burguezia. Possuia, por isso, um ideal —abater a nobreza e o clero. E conseguiu-o. A sua obra de critica e de demolição era admiravel, tão admiravel, pelo menos, como a obra dos revolucionarios de hoje que querem abater a burguezia. E é claro que tambem o hão de conseguir.

Mas a burguezia não venceu sosinha as forças reacionarias que se lhe opuzeram, dentro e fóra da França. Venceu-as com o povo, com a plebe, com os proletarios da cidade e do campo. As coisas bem contadas, diriam que foi justamente este povo e unicamente ele quem ganhou a revolução franceza. A burguezia a dirigia, falando ou escrevendo, mas o povo a fazia, combatendo e morrendo. Não é isto, porém, o que me interessa neste momento.

O que eu quero explicar a mim mesmo é a decadencia intelectual da burguezia, a sua falta de inteligencia e lucidez para vêr e entender.

E eu vou encontrar a explicação, a razão de ser do seu não ser intelectual no triunfo da revolução franceza e do proveito que, desde então, a burguezia procurou tirar dela.

Ora este proveito foi total e absoluto. A burguezia já se dividia, como hoje, em burguezia pobre e burguezia rica. A burguezia pobre, que sempre se caracterisou por uma grande vontade de não o ser, tornou-se desde logo rica, e a burguezia rica, que nunca o julgou ser suficientemente, tornou-se simplesmente mais rica.

O povo, que foi sempre pobre, é claro que continuou mais pobre. Mas obtivera a liberdade politica, e já não era o servo da gleba, mas o proletario da cidade e do campo, votando livremente na burguezia e livremente trabalhando para ela. Sempre era alguma coisa.

Mas a burguezia assim enriquecida, assim atulhada de força politica e de força economica, materialmente grande, tornou-se, desde então, intelectualmente pequena, e o que era antes uma grande força intelectual transformou-se depois numa grande força digestiva. E na força digestiva ficou. E nessa força digestiva continúa.

Por isso e só por isso ela não vê nem entende o episodio da quéda do comunismo hungaro, como não entende muitos outros incompavelmente mais simples. Ela confundiu um grande drama, em varias partes e inúmeros episodios—dos quaes o episodio hungaro é um deles —com um simples entremez.

A quéda momentanea do comunismo hungaro, é, efetivamente, um simples entremez no grande drama que começa. Este drama, em varios actos e muitos episodios, chama-se a *Grande Revolução Social*.

A burguezia não o sabia, mas nós já sabemos porquê.

Roberto Feijó

OS GRANDES GESTOS

A caridade nos repugna ainda mais do que nos comove. Não foi atôa toda a indagação filosofica que achou no fundo das aparencias generosas o egoismo feroz que agasalha a rapina e defende a usurpação. Isso de dar, de restituir, de conceder ou reparar males feitos consciente ou inconscientemente é uma farça muito grave e muito séria que já vai sendo pateada pelos espectadores deste horroroso teatro que é mundo.

Ainda agora os jornaes exalçaram, com a velha adjectivação dos palacianos de Caligula, o gesto da gentilissima esposa de sua excelencia o talentosissimo e divino presidente, dando 15:000$ e um predio pnra a fundação de um recolhimento ou sanatorio para os pobres desgraçados operarios que se tuberculizam nas fabricas ao serviço do capitalismo vêsgo e rapace que sustenta o governo.

Apenas todos aqueles contos e aquela propriedade os jornaes não dizem que foram acumulados pelo trabalho pungente das victimas cuja desgraça se agrava a cada gesto caridoso.

Naturalmente o grande publico não percebe a injuria da caridade que, neste caso, é semi-oficial e parte de um amantissimo coração feminino. A infortunada operaria que a tuberculose atirará ao recolhimento já não tem mais voz para acusar o exploradores dos seus braços feitos para embalar e dos seus pulmões e do seu laringe destinados a cantar junto ao berço dos filhos. E aceitará a migalha dos pães que lhe roubaram e com a qual se dirá que não morreu de fome.

Mas nós, anarquistas, homens sem coração e sem moral, sabemos que a caridade é um documento exacto da rapina e da exploração que semeiam de victimas as estradas por onde passam coroados de rosas os vencedores do dia.

Aliás, a propria instituição desse hospital de amor burguez e de piedade elegante não é a confissão de que o trabalho, o capital, a industria e o governo fazem victimas e semeiam a tuberculose entre as mulheres?

D. R. F.

Partido Comunista do Brazil

A ultima sessão do nucleo do Rio, sabado passado, correu animadissima, sendo debatidos dois assuntos da maior importancia: a formação dos sub-nucleos pelos arrabaldes e a administração por turnos.

Em sessão de hoje á noite, serão estas duas questões novamente discutidas, deliberando-se sobre ambas o que parecer mais conveniente. De resto, as divergencias de opinião versarão apenas em torno de detalhes minimos.

Teremos assim, posto em pratica pelo nucleo carioca do P. C. B., o sistema eminentemente libertario da administração por turnos, sendo a comissão executiva tirada, por ordem alfabetica, da lista dos socios e sendo as suas funções limitadas a prazo curto.

Onde o burguez tem razão

Nem sempre nós temos a grande duvida a respeito da marcha retrograda da mentalidade burgueza. Ao contrario, muita vez reconhecemos que, na sua *degringolade*, a inteligencia desses paquidermes tem relampagos capazes de esclarecer subterraneos onde nós jamais penetraremos. Eis aqui um caso de lucidez caracteristica.

O *Temps*, de Paris, examinando a conferencia trabalhista de Lucerna diz que o espectaculo do congresso desses apologistas da chibata oferece o quadro da mais completa incoherencia internacionalista e que as teorias desses pandegos está em completa decomposição.

Bravo! Afinal a propria burguezia percebeu toda a repugnante comedia socialisteira e toda nulidade desses alcoviteiros internacionaes no alcouce de Lucerna. Perfeitamente. O socialeirismo apodrece ao contacto do ar. E' coisa sabida e provada.

Os nossos mortos

Diz um telegrama de Roma que morreu o publicista anarquista Aristides Ceccarelli.

Conheci-o em companhia do advogado Merlino em 1910, na via Giovanni Lanza, e Giuseppe del Bravo, velho companheiro da Internacional, tambem morto ha pouco tempo.

Ceccarelli era o eloquento orador das ocasiões agitadas, e com o seu desaparecimento, os camaradas romanos perderam um belo e afavel tipo de propagandista do ideal anarquista. Sobre o tumulo do companheiro de lutas, deponho o meu sentimento sincero de saudades.

Ferd. Aló.

ODIO

Prazer que refrigera a dôr de uma injustiça,
odio bom, sem o qual, toda lucta fracassa.
Que seja, a um tempo, o gladio, o broquel e a couraça
com que ha de o luctador se apresentar na liça!

Força que armou a mão rebelada, insubmissa,
que os infames e os maus fére, esmaga, escorraça;
e que se exterioriza em rugido, em ameaça,
em punho que se cerra, em pelo que se eriça...

Odio humano, odio velho, odio bom que não cança,
odio que não perdôa e grita por vingança,
porque a vingança é vida e é renuncia o perdão.

Haja vista Jesus, que ha quasi dois mil anos,
por não saber odiar senhôres e tiranos,
pelos homens lutou, sofreu, morreu em vão.

2—8—1919.

V. DE MIRANDA REIS

Aspectos da miseria nacional

Pelo interior do Brazil

Pelo interior do Brazil vemos, inumeras vezes, uma igreja regular, de bôa cantaria, imagens caras e bôas alfaias, a elevar-se no meio de uma aldeiola miseravel que mal tem com que se alimentar.

Quasi sempre a igreja fica no topo de uma colina, ou pelo menos á meia encosta, como uma fortaleza. E olhando-a, uma grande melancolia me enche a alma; desejaria não presenciar aquela miseria: a igreja a engrandecer ás custas do povoado faminto. E penso então na Idade Media: a igreja representando a torre, o castelo roqueiro, moradia do senhor feudal rapace—o parasita clerical—que engorda, aumenta, sugando o sangue, a seiva da aldeiola de hoje, remanescente do explorado burgo medieval.

A igreja e a fabrica

Com as janelas abertas á agonia da Noite que é menor que a minha tragedia, durmo num primeiro andar; é a casa de um parente meu.

Dahi avisto as chaminés de uma fabrica e as torres de uma igreja; ficam vizinhas. E são amigas; creio até que na hora sombria da meia noite, conversam sobre assuntos pavorosos e esboçam planos dignos de um velho inquisidor.

O operario sae da estupidez de uma, para o embrutecimento da outra!...

E' isso mesmo.

Em verdade a fabrica e a igreja se entendem. Completam-se. E enlaçando-se, formam um reptil monstruoso que tudo esmaga, devora, despedaça.

E a victima—o operario do norte do Brazil—ainda por cima beija, abençôa e adora o reptil.

E si eu não soubesse que o paria é tão inconsciente quanto o epileptico, eu gritaria:

—Mas que miseravel!

O pequeno carvoeiro

Passeando pelos arredores da burguezuda capital em que moro, encontrei um negrinho, vendedor de carvão, sujo, rasgado, barrigudo de lombrigas.

—Como é seu nome? perguntei.

—Ramo.

—Ramo?

—Inhor sim.

Comprehendi: era Romulo.

—Quantos anos tem?

—Onze.

—Sabe lêr?

—Inhor não.

E olhou-me com curiosidade.

Tinha onze anos e já fazia o serviço de um homem. E não sabia ler!

A negrura do carvão que o cercava, era menor que a negrura da sua ignorancia...

Em verdade, só mesmo uma Revolução.

O velho ferreiro

Andando ao léo, passei outro dia pela porta de um pardieiro sujo, dentro do qual um ferreiro, velho e triste, martelava um pedaço de ferro; a bigorna despedia faiscas e o fole antigo parecia um sapo inchado. Uma grande sombra de miseria fluctuava negra sobre aquele tugurio.

—Quantos anos fazem que o sr. martela ahi? perguntei.

—Ha 47 anos que sou ferreiro; estou velho, acabado; nada possuo; sofro de uma falta de ar; sustento a familia, a suar, na boca da forja; só trabalho porque não ha outro geito.

E olhou-me tristemente.

Levara a vida inteira num labor exhaustivo, heroicamente lutando, e agora que já não tinha forças, era preciso continuar a dolorosa caminhada. Em verdade, era uma cousa horrivel, a dor daquele homem.

E por cima se diz que o nosso, é um povo de preguiçosos. E são exactamente os sociologos baratos, os literatos, os capitalistas, os politicos, os clericaes, toda essa sucia de parasitas e malandrões, que mais porfiam em dizer que o povo brazileiro é indolente.

O caracter de um pescador

Fui visitar o meu antigo conhecido, Francisco Figueiredo, sujeito tão velho quanto prudente e religioso.

Disse-me ele que foi em primeiro logar trabalhador de enxada e pescador de curral, depois carpinteiro e hoje pescador de tarrafa. Durante a maior parte da sua vida, trabalhou em roçados. Está velho, ha 45 anos que luta e nada tem. Mora num casebre. O que é do pobre é arrebatado, diz ele. Tem experimentado tudo e nada deu resultado. Não é capaz de entrar em revoluções, mas reconhece que o rico é ladrão. Individuo que não pega na pá, no remo, na enxada, etc., para ele não tem valor. Curioso caracter desse pescador! Fala, protesta, murmúra contra os grandes, os exploradores, mas não se sente capaz de rebeldia, mas repulsa uma revolução que lhe despedaçaria os grilhões. O' miseravel escravo! O' cobardia universal!

Octavio Brandão.

JUSTIÇA!

A revolução é um facto inevitavel. Marchamos a passos gigantescos para uma nova éra, para um novo estado social, em que o homem verdadeiramente integralizado em suas funções humanas e sociaes, possa desenvolver a sua individualidade a despeito das diversas influencias provenientes da arcaica organização actual.

A revolução aproxima-se.

Resta, pois, aos revolucionarios avançados que sabem distinctamente o que devem fazer, não perderem a ocasião oportunissima que se lhes oferece.

Sinão vejamos. Ha dez anos a humanidade vivia quasi que completamente alheiada dos grandes problemas sociaes, que empolgam a atenção mundial na época presente.

Em começos de 1915, após 6 mezes de lutas, o unico anceio dos povos europêus era o resultado da guerra. Dahi as opiniões favoraveis aos aliados ou aos alemães.

Como passassem, porém, os tempos, com eles vieram novos factos deixando entrever questões muito mais complicadas e muito mais uteis para o bem estar comum do que a victoria de um dos bandos em luta.

Novos factos, novas épocas, novas lutas.

A revolução russa, que no dizer de Lloyd George é o facto mais importante da historia universal, veio patentear ao mundo uma nova faze da marcha dos ideaes.

Sim; não era mais possivel negar a possibilidade de solução do magno problema. De onde menos se esperava, jorrou a luz em jactos ofuscantes e até hoje como um farol imenso, semelhante ao sol, ela ahi está, potente, clara como a verdade e insufladora de novas energias vitaes.

Em todo o mundo, desde a Australia ás regiões ignotas da Siberia, desde o Cabo Hórn á Groenlandia, desde Johannesburg ás glaciaes paragens da Noruega e Suecia, um prurido, mais que um prurido, um sopro vivificante de revolução, corre celere tocando todos os cerebros mais ou menos bem conformados, tocando aqueles que prevêm a nova éra, a éra verdadeira da felicidade e que será denominada, com razão, o *periodo aureo*.

Greves, motins, levantes, conspirações, emfim todas as possiveis manifestações de rebeldia, que denotam um desejo imenso de vida melhor, atribulam os potentados da Terra.

E' a hora em que os Spártacus de todas as nações tocam a reunir para o ajuste de contas.

Os povos, já cançados de exploração vil, começam a entrever que têm direito a um logar melhor ao sol, começam a ter consciencia de que podem tambem paticipar do banquete da vida no qual eles têm sido até agora os servidores.

Sim, é necessario que o momento chegue o mais depressa possivel.

As burguezias de diversos matizes, desorientadas, antevêm, por seu lado, o proximo derruir do seu edificio infame, construido sobre as cabeças dos explorados, dos oprimidos, com o sangue desses mesmos escravos.

Sim! Avante, pois. Não hesitem, todos aquelles que sentem pulsar no peito um coração generoso.

Cahiu Napoleão, cahiu Nicoláu II, cahiu Guilherme de Hohenzollern. Porque não cahirão tambem os Afonsos, os Jorges, os Wilsons e os Clemenceauxs? Acaso serão estes de tempera mais rija, serão mais inteligentes, mais bondosos, que mereçam alguma consideração mais do que os outros? Não são eles tão assassinos, tão ladrões, tão bandidos? Pois bem. Façamos a eles, povos de agora, o que fizemos aos outros!

Na guerra morreram mais de vinte milhões de homens.

Não haverá diferença si morrerem mais cem. Além de que a morte desses cem virá salvar a vida de outros vinte milhões.

Avante pela Justiça!

Lenino Ramos.

A Revolução...

Positivamente estamos prestes a assistir a um espectaculo sublime e grandioso, que nos faz antegozar as delicias que irá proporcionar a todos os revolucionarios sociaes, que esperam anciosamente o momento de sua realização: a desaparição do regimen estatal capitalista.

A Revolução Social, que se aproxima a passos largos, está preparando o fosso onde serão atirados os despojos de um monstro que agoniza e cujos detrictos ainda poderão empestar o novo organismo em formação.

Ninguem mais póde suportar o peso enfadonho desse corpo em decomposição — o Estado; todos os que se sentem oprimidos por esse fardo, que são todos os que trabalham e produzem, procuram afastar-se do seu contacto para não ser infestados pelo puz virulento que ele emana; não ha pessoa que sinceramente deseje ver implantada uma nova organização social, que não combata com ardor, procurando demolil-a, a base em que está erigido esse Moloch insaciavel: a propriedade privada.

A palavra revolução, que outrora era tomada como sinonimo de desordem, é hoje discutida em todos os logares e por pessoas de todas as classes.

A Revolução já não amedronta as massas populares como até aqui, nem os nossos adversarios se atrevem a apresental-a como a hidra multiforme, sedenta de sangue. Os revolucionarios não são mais encarados como malfeitores e desordeiros, inimigos da familia e da sociedade.

Pelo contrario; são os revolucionarios que sabem aliar a palavra á ação, os que mais bem interpretam as aspirações dos trabalhadores e, por isso, qualquer insulto que contra eles fôr dirigido tem como resposta o mais energico e vibrante protesto do proletariado consciente e de orientação definida.

Para provar como o povo espera anciosamente o momento da revolução, que ponha termo ao mal-estar produzido pela exploração capitalista e opressão da autoridade, vou citar um facto ocorrido ha dias e que mostra bem a anciedade com que é esperado o advento de um novo estado de cousas.

Trata-se do seguinte:

Passava por uma das ruas centraes da cidade, em hora de grande movimento, quando um individuo que eu não conhecia e que vinha em sentido oposto, me dirigio esta pergunta:

— Então, quando teremos nós a revolução comunista no Brazil?

Eu, confesso, diante desta pergunta audaciosa e inesperada do ilustre desconhecido, hesitei um tanto em responder.

Mas, sem que ele tivesse percebido a minha indecisão, depois de ter feito um pequeno gesto, para melhor disfarçar o breve embaraço que me havia causado, respondi mais ou menos nestes termos:

— A revolução, meu amigo, já lavra com grande intensidade; já estamos num periodo de franca beligerancia contra o Capital e o Estado.

A revolução comunista de que me fala não póde ser resolvida em conspirações romanticas, á moda dos cavaleiros de capa e espada, da Edade-Média, nem tão pouco fixar dia e hora para sua realização. Nós, os revolucionarios, que combatemos a diplomacia secreta, somos coherentes com os nossos principios; não fazemos conchavos secretos; discutimos a revolução na praça publica, na oficina, no lar, no mar, no campo, em todos os logares onde haja um individuo que sofra as consequencias da propriedade privada e do principio de autoridade e sinta a necessidade de uma transformação radical da sociedade.

Os movimentos que, em fórma de greves, motins, etc., se vêm realizando aqui na America, são o reflexo do conflicto que se alastra pela Europa oriental e em breve atingirá a parte ocidental.

Vencedor o movimento comunista nos paizes europeus, onde o socialismo de Estado chegou a criar raizes nas massas populares, causando obstaculos á marcha do comunismo, no Brazil será relativamente facil o triunfo definitivo da nossa luta, porque não teremos de vencer as dificuldades causadas pelos revolucionarios de ultima hora.

Aqui os campos estão divididos nos dous extremos: os revolucionarios que defendem o comunismo anarquista, com a maioria dos trabalhadores que são simpatizantes desse ideal, e os conservadores que têm seu ponto de apoio, principalmente, na organização internacional do sistema capitalista.

Ha tambem uma grande parte que não se preocupa com a questão social e, como tal, pouco ou nada poderá embaraçar a nossa ação; são os comodistas que acompanham sempre a corrente vencedora...

— Acha, então, que uma vez derrubado o Estado e vencida a burguezia na Europa ou noutro continente, esteja triunfante a Revolução? — interrogou de novo o meu desconhecido camarada.

— Absolutamente. Si, como tudo faz crer que se dê, a burguezia e o Estado seu defensor fôrem primeiramente derrotados no continente europeu, haverá necessidade de redobrar a actividade revolucionaria no imenso continente americano para que não venha servir de refugio á burguezia expropriada pelo comunismo.

Ademais, para que a obra da Revolução seja completa, deve ter alcançado a sua maturação e ser extensiva a todo o Universo, onde quer que impere o regimen da exploração capitalista. Felizmente, para bem da humanidade, isto já não está longe...

Antonio Fernandes.

Viver para ser livre ou morrer para deixar de ser escravo —

Praxedes G. Guerrero

O caso do "Jornal do Comercio"

Ha um limitado numero de trabalhadores que comprehende a sua verdadeira missão no presente momento social; outra parte — talvez a maioria — tem uma imperfeita idéa do que seja um movimento reivindicador, e dahi as frequentes derrocadas da ação proletaria, baseando ainda mais o poderio irritante da insaciavel burguezia.

O caso do *Jornal do Comercio* é digno de séria ponderação da parte dos dirigentes da Associação Grafica do Rio de Janeiro. Longe de nós o intuito de fomentar o dissidio no meio de uma classe que, mais do que as outras, precisa de união para realizar as suas justas aspirações. Ha, porém, verdades que devem ser reveladas, em proveito das futuras lutas em que, inevitavelmente, teremos de intervir.

A Associação Grafica, agitando-se, como é de seu programa, encetou a sua actividade declarando gréve á Casa Pimenta de Mello, gréve que provocou o *lock-out* dos patrões graficos, não organizados naquela ocasião, dando em consequencia um acôrdo honroso para a classe, precisamente quando a referida Associação tinha esgotado todos os seus recursos pecuniarios.

O acontecimento simulava uma victoria, que foi ruidosamente festejada com beberes, musica e outras cousas divertidas.

Positivamente não havia victoria, mas uma suspensão de hostilidadades entre beligerantes. O inimigo fortificava-se silenciosamente. A verdadeira guerra ia começar.

Os estereotipistas do *Jornal do Comercio*, agarrando de surpreza a administração daquela casa, obrigou-a a satisfazer o seu mais que razoavel pedido.

O entusiasmo chegou a um alto grão de densidade. Surgio então o erroneo pensamento de que a Associação Grafica era inexpugnavel, perfeitamente blindada para suportar os mais enfurecidos ataques dos adversarios.

Edmundo Bittencourt, aventutureiro habil e manhoso, que adquirio uma fortuna em poucos anos pela audacia de seus processos jornalisticos, comprehendeu o perigo que existia na organização dos operarios graficos. Arrojado e cinico, atacou o espantalho que temia, provocando, assim, uma parede dos empregados de seu jornal. Diversos factores, entre os quaes a epidemia da gripe, que enlutou esta cidade em Novembro do ano passado, auxiliaram o meliante do largo da Carioca, de modo que a Associação Grafica sentio o amargor da primeira derrota, ficando sacrificado grande numero de companheiros que trabalhavam no *Correio da Manhã*.

Encorajado pela atitude de Edmundo Bittencourt, Ferreira Botelho, principal acionista e director do *Jornal do Comercio*, recebendo um projecto de regulamentação do trabalho, em que a Associação Grafica solicitava uma insignificante melhoria nos ordenados dos que ali serviam, tentou o golpe audaz que poz na via publica, sem recursos de especie alguma, um punhado de trabalhadores honrados, com muitos anos de serviço, que o ajudaram a enriquecer.

Ahi está, em ligeiras penadas, sintetizada a existencia da Associação Grafica do Rio de Janeiro.

Divergimos, entretanto, da maneira de agir da actual directoria que, segundo o nosso criterio, não concebeu ainda o designio de uma agremiação de resistencia, que deve ter sempre caracter revolucionario.

Estamos fartos de saber que a gréve pacifica, a parede ordeira, não pode dar resultados praticos. A luta dos sindicatos profissionaes deve ser energica, violenta, sendo bons todos meios empregados para conquistar a victoria.

A hesitação, o temor das consequencias, o receio do sacrificio fazem periclitar todas as causas, por mais justas e humanas que elas sejam.

A directoria da Associação Grafica, cuja sinceridade não pcmos em duvida, mas cujos metodos de luta são contraproducentes, pesando a gravidade do momento, deve entregar o leme do barco a elementos adiantados, radicaes, *vermelhos*, que saibam agir de modo adequado á presente situação mundial.

A Associação Grafica não é uma sociedade recreativa ou beneficente: é uma agremiação de resistencia, que precisa combater os seus inimigos até vencer ou morrer. A dubiedade de sua ação reflecte na vida intima de cada um de seus associados.

No caso do *Jornal do Comercio*, ha muitas cousas dignas de censura.

Foi enviado um companheiro a S. Paulo, para solicitar dos colegas graficos daquela cidade o seu apoio moral e material. De lá voltou o mensageiro acompanhado de cinco representantes da União Grafica Paulista, que traziam poderes para actuar de acôrdo com as necessidades que tinhamos na ocasião.

Recebendo autorização da assembléa para entabolar negociações com a empreza do *Jornal do Comercio*, a comissão paulista conferenciou — em tres dóses — onze longas horas com o o director do mencionado jornal. O resultado foi o que todo mundo vio: só podiam ser readmitidos, dos operarios em parede — cerca de 200 homens — 22 companheiros!...

A comissão dos graficos de S. Paulo julgou-se satisfeita e bem *impressionada* com a amabilidade do Sr. Comendador Botelho!...

A um membro dessa comissão — o colega Torres — tivemos a oportunidade de perguntar si, no caso de fracassarem as negociações, a União não mandaria paralizar o trabalho nas oficinas da edição paulista do *Jornal do Comercio*.

O companheiro acima citado reflectio alguns segundos e respondeu:

— O negocio não é assim como o camarada julga... A edição paulista não está em lisonjeiras condições economicas. Ha tempos, reclamamos um augmento no preço das linhas de linotipo. O gerente Matos apresentou-nos provas completas da má situação financeira da casa e... desistimos da reclamação...

Ficamos estupefactos com o modo de pensar do colega de S. Paulo, perguntando a nós mesmos que ligação pode haver entre os interesses dos graficos e a prosperidade ou decadencia da empreza exploradora do Sr. Ferreira Botelho.

Desta fórma, os nossos companheiros paulistas vieram ao Rio de Janeiro apreciar as ultimas maravilhas do Dr. Frontin, visitar o Corcovado, Ipanema, Leblon e outros lugares interessantes da *nossa* linda metropole, conversar amigavelmente com o Sr. Botelho e... o que mais?...

Belas negociações!...

Felizmente, entre mortos e feridos, alguem ha de escapar.

Pedro Rangel.

Ação proletaria

Seria impossivel, na exiguidade destas colunas semanaes, um registro minucioso do movimento associativo entre nós. De resto, a propria imprensa burgueza, avida pelos niqueis que isso lhe dá, se encarrega do noticiario quotidiano dos factos.

Resta-nos, pois, assim, emquanto não temos tambem os nossos diarios, fazer apenas uma resenha dos acontecimentos principaes da semana, nos meios proletarios.

E comecemos, desde logo, por dizer que esta semana em que estamos decorreu normalmente, isto é, sem que avultasse nenhum acontecimento excepcional ou imprevisto.

Foi bem uma semana de calma prenunciadora...

—

A questão capital do momento, a luta entre os operarios e os industriaes de tecido, continúa no mesmo pé, evoluindo naturalmente para este fim inevitavel: a gréve geral.

Os carranças do Centro de Tecelagem, agarrados como ostras á teimosia do seu estulto reacionarismo, fazem ouvidos moucos á gritaria e á revolta, que se vão acumulando. Tanto peor: receberão a lição formidavel que merecem.

A Federação de Vehiculos, que interveiu na questão, amigavelmente, tem sido até excessiva na prudencia das suas «demarches». Tem conferenciado com o presidente da republica, com o chefe de policia e outros chefões de não sabemos que mais.

Afinal tudo será inutil e de certo modo até pernicioso. Si a Federação de Vehiculos está agindo com sinceridade e si quer de facto dar mão forte aos tecelões, não ha de ser com o proceso paz-social das interminaveis negociações verbaes que o conseguirá. O burguez — industrial ou governante, socios da mesma quadrilha exploradora — só cede ás reivindicações dos trabalhadores, quando essas reivindicações se formulam pela boca da força, ou da ameaça iminente... Os exemplos são de toda a hora.

Neste caso, mais logica tem sido a atitude das classes que compõem a Federação dos Trabalhadores: aguardando a oportunidade, vão-se preparando para a gréve geral, como a fórma unica eficaz de apoio e solidariedade aos companheiros tecelões.

O tempo dirá de que lado está a razão...

—

O movimento dos barbeiros permanece mais ou menos na mesma.

Boa parte das casas cederam, voltando os seus oficiaes ao trabalho. Das que não atenderam ás reclamações dos grévistas, umas continuam fechadas e outras servidas pela carneirada desfibrada.

A anotar tambem o seguinte: a instalação, por alguns grévistas intransigentes, das «comunas de trabalho», sob os auspicios da associação de classe. A primeira delas dentro de poucos dias estará montada.

Cabe aos trabalhadores em geral emprestar todo o auxilio a esses camaradas, que assim procuram desde já libertar-se do patronato, dando preferencia ao serviça das «comunas», onde o resultado do trabalho será igualmente repartido por todos os que nelas trabalharem.

—

Entre os graficos, apezar do desastrado efeito causado, dentro e fóra da classe, pela gréve malograda do *Jornal do Comercio*, continúa o trabalho pela obtenção de melhorias varias, consubstanciadas no memorial enviado a todos os industriaes.

O prazo para resposta ao mesmo terminou ante-hontem, devendo ter-se realizado hontem a assembléa da classe para deliberações sobre o caso.

E como estas notas são escritas antes dessa assembléa, claro é que nada podemos dizer sobre ela...

NO CEARÁ

Em sua edição de 9 do corrente, o «Jornal do Brasil», orgão conservador por excelencia, publicou o seguinte despacho telegrafico:

Fortalesa, 5 (A) — Noticia-se que o Chefe de Policia desta capital prohibiu a realização dos comicios operarios sem prévia comunicacação á sua autoridade, estabelecendo a censura nos discursos demagogicos.

O jornal «Correio do Ceará» elogia a atitude energica da mesma autoridade por ter, segundo afirma, reprehendido severamente os principaes cabeças do movimento operario, responsabilisando-os por quaesquer perturbações que venha a sofrer a ordem publica».

Como se vê, é o regimen da rôlha a que querem submetter o paiz as autoridades policiaes de conluio naturalmente com os comerciantes e industriaes, impedindo, assim, que o povo venha á praça publica analisar e pôr a descoberto as patifarias e roubalheiras dos governantes e açambarcadores e protestar bem alto contra o abusivo aumento dos generos de consumo e as suas precarias condições de vida.

Como todos sabem, a Constituição da Republica assegura no art. 72 a reunião do povo, reunião essa, que, no dizer do jurisconsulto João Barbalho, insuspeito, portanto, «é um direito inherente ao caracter de cidadão e essencial á forma democratica republicana, sendo uma garantia de liberdade e elemento de melhoria da ordem politica e administrativa». Isso o texto constitucional... Os factos, entretanto, encarregam-se de provar sobejamente que a decantada Constituição não passa de um despresivel «farrapo de papel» sempre que seja conveniente aos lobos da governança o saltarem por cima de suas disposições.

Reflictam no caso os ingenuos que ainda crêm na Democracia, cuja bancarrota mundial já começou, e meditem si temos ou não razão quando proclamamos e demonstramos a necesidade absoluta da abolição do principio da autoridade e bem assim a flagrante e clarissima inutilidade das leis.

A. D.

A fórmula incomprehendida

Lê-se na bandeira da revolução russa o distico que vem sendo balbuciado por todos os solitarios do universo na intimidade de sua desgraça e no desamparo dos seus esforços para a conquista do pão e da igualdade.

Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!

Esse apêlo ás grandes massas desamparadas e batidas pelo pavor e pela angustia do trabalho escravo ainda não ecoou como o grito de guerra victorioso entre os rumores varios de que se compõe o tumulto da nossa civilização.

Sente-se em toda a parte, onde quer que as victimas se entreolhem, a duvida da tradução dos sentimentos exactos que agitam esses homens na sua dispersão amargurada e incrivel. Eles não sabem decifrar o enigma em que se debatem; não sabem exprimir as abstrações interiores em palavras cláras, e não podem talvez comprehender o valor exacto da força malbaratada que os agita e impele.

As uniões precarias do trabalho humano viciaram as massas na ilusão da inutilidade de seus esforços para um fim comum, por isso que toda riqueza acumulada fica nas mãos dos individuos que jámais se uniram para produzir colectivamente. Triste ilusão, porque só existe de facto em proporções formidaveis a união secreta e inquebrantavel dos exploradores de todo o mundo.

A bandeira russa, generosa e audaz, tremúla ao sol que nos adóra a todos. Ha nela a formula ainda não comprehendida da victoria proxima. Basta que os trabalhadores a contemplem e lhe decorem o distico soberbo, que no correr dos dias negros de uma civilização moribunda a comprehensão se fará nos cerebros desses gigantes que se olham espantados e aflictos.

Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos. Uni-vos!

D. E.

A ROMARIA VERMELHA

Revestiu-se da mais alta significação a romaria que os trabalhadores de Niteroi e do Rio fizeram, domingo passado, ao tumulo das victimas tombadas em luta contra a policia, por ocasião da gréve da Cantareira, em 7 de agosto de 1918: os soldados do exercito Ilara França e Nestor Silva e o operario José Sarmento.

O prestito, organizado pelo Centro de Estudos Sociaes, de Niteroi, partiu da séde deste, na rua da Conceição, ás 3 horas da tarde, percorrendo o centro da cidade e caminhando, a pé, bandeiras e flamulas vermelhas desfraldadas, e ao som dos nossos hinos libertarios, até ao cemiterio do Maruhi.

Era um espectaculo solene e comovedor...

No cemiterio, reunida a multidão em torno dos tumulos dos seus pranteados herões, o secretario do Centro de Estudos Sociaes tomou a palavra e proferiu ardorosa e sentida oração de homenagem áquelles que não hesitaram em sacrificar a vida em defesa da dignidade proletaria, terminando por apelar para a união dos proletarios da farda e da blusa, irmãos escorraçados, a quem pertence o futuro.

Em seguida falaram: representante da U. da Construção Civil, do Rio, um ex-soldado, representantes da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, U. dos O. em Fabricas de Tecidos, Aliança dos E. no Comercio e Industria, Partido Comunista do Brazil, Centro dos O. Marmoristas, Sindicato dos Manipuladores de Tabaco, e outros.

Em memoria das heroicas victimas, foram colocadas sobre os seus tumulos lapides de marmore com significativos dizeres e muitas corôas e braçadas de flores, sobresaindo uma grinalda de rosas vermelhas oferecida pelo Centro de Estudos Sociaes, de Niteroi.

Já tardinha a multidão regressou ao centro da cidade, com os seus estandartes e os sens cantos...

Numa palavra: foi uma admiravel jornada de afirmação revolucionaria.

BOLETIM DA GUERRA SOCIAL

Através os telegramas da semana

NA FRANÇA

Apezar dos arreganhos ferozes de Clemenceau e dos da reacionaria tropilha governamental, o publico francez vae dando mostras de seu descontentamento e, a par deste, de seu grande espirito de iniciativa.

Dando-se o fracasso da ação governativa, devido á sua insinceridade, cujo objectivo era reduzir o preço dos generos de primeira necessidade, ou, pelo menos, eliminar os preços exhorbitantes e as especulações, o povo francez resolveu agir directamente sobre os *profiteurs*, organisando para esse fim comissões de vigilancia.

O movimento teve começo em Montmartre. Pelos seus imediatos resultados, extendeu-se ele rapidamente, não só pelos demais districtos de Paris, como por todas as provincias da França, adquirindo proporções extraordinarias.

Como o seu nome indica, essas comissões exercem rigorosa vigilancia sobre os negociantes por atacado e a varejo, impedindo deste modo que estes ultimos adoptem preços superiores aos do primitivo custo. Transidos de pavor diante da ação energica e decisiva da população, os fornecedores e negociantes já formularam queixas ao governo, devido á manifesta tendencia de saque aos armazens, que apezar das presentes condições de vida, mantêm criminosamente preços excessivos.

Variam os metodos postos em pratica pelas comissões de vigilancia.

Em Doudeville, uma das comissões fez baixar os preços de um estabelecimento agricola, e, tendo-se queixado os agricultores dos preços exhorbitantes dos vestuarios, ferragens e outros artigos, a comissão voltou á cidade, onde obrigou os negociantes a reduzir seus preços para os agricultores. Em outra cidade, um grupo de 400 habitantes ruraes obrigou os comerciantes a diminuir 10 % nos preços dos ovos e da manteiga.

O movimento tem-se propagado sem violencias.

Como é provavel, essas comissões hão de dilatar a sua esfera de ação, acabando por pôr finalmente em comum a riqueza social que os açambarcadores retêm em suas mãos, com prejuizos incalculaveis para o povo.

Oxalá estes salutares exemplos venham a conquistar adeptos nestas plagas onde mestre Epitacio pontifica!

NA ITALIA

Em todo o paiz, principalmente nas regiões do Norte, continuam as manifestações populares contra a carestia da vida.

Grande numero de armazens temsido saqueados pelo povo, indignado contra a exhorbitancia dos preços dos generos e contra a ganancia dos especuladores. Em algumas cidades, como em Milão, por exemplo, os populares amotinados percorrem as ruas, obrigando os negociantes a baixar os preços dos mantimentos, chegando mesmo, muitas vezes, a distribuil-os pelo povo. A tropa tem sido impotente para reprimir a colera popular. Em alguns logares foram depostas as autoridades.

E' o oceano que cresce, ameaçando tragar em suas aguas o frágil trono do insignificante Emmanuel III.

NA ALEMANHA

Afim de evitar a iminente gréve dos empregados das estradas de ferro, o governo iniciou intensa propaganda patriotica. Um dos ministros, um fulano qualquer, tem rogado insistentemente ás corporações operarias que não adiram ao movimento grevista prestes a rebentar. Rezam os telegramas que os corvos do poder lançarão mão da força, caso não seja atendido o apelo. Prenuncios de tempestade...

Em Hamburgo, declararam-se em gréve os empregados dos bancos, estando paralisados o comercio e os negocios. Quer dizer que o mal estar afecta todas as classes sociaes, com excepção, é claro, de meia duzia de sugadores e parasitas.

Emquanto isso, si bem que não tenham dado signaes de vida, é de ver que os espartacistas nos estejam preparando bôas e agradaveis suprezas, apezar da coacção que sobre eles pésa.

NA RUSSIA

Noticias escassas sobre o regimen maximalista que impera no paiz. O telegrafo burguez, com certeza, anda a arquitectar incomensuraveis carapetões, com que procurará manhosamente denegrir a obra gigantesca levada a cabo pelo povo das *steppes*.

Denikine avança mais uma vez sobre Petrogrado, que, cousa interessante, parece achar-se cada vez mais longe do sanguinario tarimbeiro. Quanto a Koltchak, o lacaio a soldo dos inglezes, completamente batido e com tropas desmoralisadas pelas sucessivas derrotas, já entregou, de recúo em recúo, desde a primavera, 800 milhas de territorio aos bolchevistas. Dentro em breve não mais ouviremos falar nesse militarão, que terá a sorte daquele fanfarrão do Kerenski.

Em Archangel, o governo anti-bolchevista apela desesperadamente aos aliados para que estes o não deixem ao desamparo. E o apelo feito de joelhos é uma lamuria que causa dó. Prova que os anti-bolchevistas estão verdadeiramente em máos lençoes.

E' provavel, porém, que diante do vehemente protesto universal contra a criminosa intervenção, os aliados se deixem ficar nas encolhas, levando, assim, o diabo o tal governo anti-bolchevista, que não conta absolutamente com o apoio das populações.

Pelo exposto, verifica-se que o regimen comunista criou raizes entre o povo, como o previra magistralmente Bakounine.

Constantes no desafio

O Paiz não relaxa o seu orgulho nem quebra a sua atitude de esmagador desprezo pela canalha que produz, que sofre e que se aquieta. Conscio de uma superioridade inatacavel e cuja origem remonta á divindade, esse jornal trata o proletariado nacional com o mesmo desdem de um barão medieval pelos servos do seu feudo e pelos seus vassalos.

Sempre que os operarios se agitam, toda a vez que a injustiça, a exploração e a fome leva essa gente a formular protestos e a trazer para a rua as suas reivindicações, *O Paiz*, com uma serenidade absoluta, noticia as coisas sob o titulo *Casos de Policia*.

A fome, a desigualdade, o infortunio, a miseria das legiões productoras da sociedade são simples casos de policia como os roubos, os estrupos, os incendios e os assasinatos. São coisas da canalha, gestos de miseraveis, de vagabundos, de esfomeados que sujam as ruas com seus pés nus e as suas roupas negras. A mancha que os desherdados fazem no assoalho da civilisação é o unico facto que impressiona a gente superior desse jornal, e nada mais.

Si algum dia a sociedade se transformar, foi isso apenas um caso de policia que resume toda a historia universal. A revolução social é um incidente de botequim a ser resolvido pelo comissario de serviço.

Será possivel que *O Paiz* ainda não haja comprehendido o alcance da sua injuria a toda a nação e a todos os desgraçados desta terra? Não, não é possivel. Mas a sua comprehensão se faz pelo avesso; ele sabe que a soma de todas as pequenas revoltas a cargo da policia dará amanhã a revolução que ha de tragar todos de uma vez. E antes da quéda, no intervalo das crises, ele insulta as victimas e deprecia os intuito da inevitavel renovação da vida nacional.

O seu insulto, pois, é sintomatico e talvez mesmo fecundo; estimula a desgraça resignada e diz claramente ao proletariado que a burguezia intellectual é inimiga rancorosa da justiça que se levanta.

D. E.

A IMPRENSA E O PROLETARIADO

Conferencia lida no festival pró SPÁRTACUS.

(CONCLUSÃO)

Talvez tivesse bem razão Trotzki sustentando que: «O regimen democratico que se estabelece na Russia exige que a opressão da Imprensa pela Propriedade seja supressa nas mesmas condições da opressão da industria.» E a mesma razão assistia provavelmente a Lénine quando energicamente declarou no Comité Central Executivo dos Sviets, na sessão de 5 de Novembro de 1917: «Nós, os bolchevistas, dissemos sempre que quando chegassemos ao poder, fecnariamos os jornaes burguezes. Tolerar os jornaes burguezes e não ser socialista...» Não levarei esse caso a um tal extremo: sou tolerante e o que desejo para mim e para todos e a plena liberdade, quer de locomoção, quer de fixação de residencia, quer de manifestação de pensamento. Acho que sem oposição que critique, corrija e indique melhor caminho a seguir; sem atender-se aos gritos dos nossos oposicionistas para esclarecel-os e esclarecer-nos, cahiremos nos mesmos vicios da tirania que combatemos. O que nós pedimos é ar para respirar intensamente; é ar que permita gozar a longos haustos a liberdade de pensar em voz alta e de dizer por escrito nosso pensamento. Desejamos que os outros, contrarios ás nossas teorias e ás nossas tendencias, não nos impeçam do prazer de gozar um pouco a luz do sol. Queremos pouco e reclamamos, como Diogenes, a réstea de sol que um figurão qualquer nos vem roubar. Queremos uma tribuna bastante livre e garantida pelo proprio interesse dos nossos adversarios, de onde, discutindo, coloquemos diante do povo, do proletariado, em face da solução capitalista e da sociedade actual, a solução á questão social como nós a entendemos. Queremos, vis-á-vis da imprensa assalariada á sociedade burguez, a livre imprensa do proletariado, o orgam do quarto estado, discutindo a vi .bilidade da organisação social futura, do comunismo anarquico, tão bem encaminhado pelos sindicatos de classe, de que a Revolução Marxista—a Revolução russa dos *soviets*, é um preparo e um encaminhamento.

Na grande crise mundial em que se debatem, ambos infelizes, ambos vitimas da organização atual, o capitalista e o operario, isto é, o burguez e o proletario, a Imprensa orientadora e doutrinaria deve intervir, apresentando sob seus multiplos aspectos o problema economico e o problema moral com a solução pratica, garantidora da felicidade, da harmonia, da paz e da verdade, na sociedade nova. Educar o proletariado e leval-o pela persuasão á aceitar como melhor a organização social que se basear na dlena satisfação das suas necessidades, e no seu concurso proficuo ao bem social, na medida de suas forças, reria a funcção da boa imprensa que pealizaria a evolução, revolucionando, sem forçar por uma revolução, e impôr, como um dogma e como lei, vinda do alto, a organização futura de mutuo acôrdo, de solidariedade perfeita. Mas os tropeços que a força, o dinheiro, a compra das consciencias dos jornalistas burguezes, a opressão tiranica das democracias e das aristocracias combinadas, os zelos excessivos da policia militar, opõem a uma propaganda fecunda e evolucionista, obrigam os doutrinadores do futuro a responder por uma reação igual á ação. Contra a violencia a violencia. E então é preciso usar das mesmas armas, combater o mesmo combate, e impor de cima ás massas, em um acto de ditadura as normas das felicidade que se devem estabelecer na terra, mesmo a contragosto de alguns. Produzir-se-á o Terror, dirão. Mas o Terror foi, em França, no dizer de Edgard Quinet, o choque de dois elementos irreconciliaveis—a França antiga e a França nova... «e foi sempre a França antiga que provocou a outra. Sabia-se que toda a conciliação seria impossivel e que uma delas deveria perecer... Do choque de duas electricidades opostas se formava perpetuamente o raio.» (*Theorie du Terreur*). O Terror não foi invenção da Revolução franceza, como não é da Republica dos Soviets Russos. Antes do Terror de 1793 houve mais feroz o terror de 1687. Diz ainda Edgard Quinet que—«em verdade não é quasi possivel mais a um francez ler os horrores da revogação do Edito de Nantes... No meio desses inominaveis horrores a França não testemunhou arrependimento nem piedade. Esqueceu facilmente».

O Terror não é uma criação dos anarquistas. As divindades—o medo e pavor—ou o medo e o palor ou a palidez, por ele provocada, foram as ultimas creações dos Romanos; o Cesarismo é o terrorismo organizado e regulamentado.

Em Veneza os governos não encontrando oposicionistas, á força do terror, não mais pensaram em fazer uso dele. «*O que explica como o governo o mais terrivel em sua origem poude tornar-se o mais suave da terra e até o mais popular.*» (id, ibid.) Pelo terror governou Nicolau da Russia e morreu socegado no seu leito, fazendo tremer debaixo de seus pés sessenta milhões de homens. Do Terror poderá vir talvez a harmonia.

Com estas palavras eu não pretendo justificar um regimen que se firme no Terror, e não no acôrdo mutuo. Entretanto... na guerra como na guerra. Na defesa de nosso ideal sublime, que é mais do que a propria vida, indigna de ser vivida si não for iluminada por uma grande elevação moral, não devemos fazer escolha de armas. Para firmar e defender a organização social que nos garanta a justiça, a felicidade e nos dê uma razão mais alta da existencia e um sentido mais amplo, mais largo e mais humano da vida, todas as armas são boas. Seja o seixo da funda de David abatendo Golias; seja a queixada de burro com que Samsão destroçou os Filisteus; ou as armas com que Hercules aniquilou os cavalos que Diomedes alimentava comsangue humano.

Servem-se os revolucionarios do que lhes está á mão; não têm tempo de escolher. O que lhes fica mais a geito é o que serve aos sustentaculos da sociedade de hoje para esmagal-os. Contra o inimigo perfeitamente equipado e municiado manda o instincto de conservação lutar. No caso o lema é: *vencer*.

Com esta digressão a respeito do Terror, ainda eu quero mostrar-vos que a Imprensa burgueza procura assustar o proletariado fazendo constar que o Terror é um invento anarquista, como já diz que é a bomba de dinamite.

Um conselheiro, talento de escól, fino literato e homem de prestigio, escreveu, ha dias, no *Jornal do Brazil*, uma defeza á sociedade vigente e uma acusação á sociedade futura, baseando-se em telegrama que anunciava um dos postulados da revolução russa:

«*A burguezia sómente será vencida pelo terror.*»

Diz o ilustre homem de letras que em França o Terror gerou a dominação napoleonica, como na Russia atual ha de suscitar uma dominação ferrea qualquer. Esquece o jornalista que a situação atual da Russia é a consequencia de uma epoca prolongada de Terror e que ao seu juizo, por conseguinte, será um circulo vicioso esse de que não sahirá jamais a Russia, nem o mundo: da opressão tiranica vem o Terror, e depois a revolução; da revolução virá o Terror e depois a tirania. São leis sociologicas novas, ou por outra, aplicações novas da lei da repetição historica. O progresso segue uma linha em espiral, ascendendo sempre. Si do Terror sahiu o dominio napoleonico, veiu depois de novo a Republica. E' bem possivel portanto que do Terror russo tendo vindo a Republica dos Soviets, a Republica colectivista, desta venha a Republica comunista anarquica, sem que se repita exactamente um facto historico. As razões que encontra o notavel jornalista para não aceitar o comunismo anarquico, se basêam na repugnancia que lhe causa uma sociedade em que não haja *ambicões*, nem *combates*, nem *vitorias*, em que tudo fique sendo *tédio, amargura e nojo por ser a paz uma cousa insuportavel, a vida uma monotonia com essas absurdas serenidades.*

Não lhe agrada uma sociedade onde não haja premios para o merito, lutas pelas posições; onde fiquem estancados a ambição do mando e o instincto de grandeza que *Deus poz no seio da nossa humildade para que subamos pela fé ás alturas onde reside o perfeição.*

Em nome do Deus de humildade, que dá como recompensa da boa ação a alegria intima que ela produz e exige que a mão esquerda não saiba o bem que faz a direita, é que se levanta este protesto de um cristão confesso e praticante contra a igualdade absoluta, contra a moral ideal que faz praticar o bem pelo prazer que ele causa e não pela recompensa, pela *estima publica*, pela *ascenção* ás alturas. E' com estes dizeres sonóros; é com estes cantos suaves, embora com pouca logica e muita retorica; é com a assinatura de homens de grande talento para os quaes a sociedade atual tem todos os carinhos e acolchôa de penas o caminho por onde transitam para que se não magoem; é com o prestigio desses arraigados gozadores que apezar de seu tirocinio pelos hospitaes, onde geme a humanidade em uma esmagadora maioria de sofredores e desherdados; é utilizando-se da insensibilidade desses intelectuaes que fazem das artes um jogo divertido, e da literatura um arranjo sonóro de palavras; é com esses elementos que conta a Imprensa burgueza, apoiada do *Terror branco*, e das violencias policiaes, para esmagar e abafar a voz do povo em sua grita, em seus protestos, nas suas reivindicações. Si um homem do prestigio, da cultura, do saber e da posição do Snr. conselheiro, não comprehende a possibilidade de uma sociedade onde predominem o amor, a solidariedade, a paz, a concordia, onde o estimulo para ser util venha do proprio sentimento de humanidade e do desejo de afastar de si cousas desagradaveis, educado o sentimento altamente estetico do belo moral e do belo fisico; como a aceitarão os pobres proletarios sem instrução e sem educação artistica?

É um argumento que cala no espirito das massas embora seja ele falso e falho em todos os pontos, pois aos nomes desses insinceros oposicionistas poderemos contrapôr os nomes, o peso e o prestigio de artistas e cientistas mundiaes, que nos precederam na concepção dessa futura sociedade de justiça, de verdade, de igualdade.

Para combater essa escravização moral e espiritual do proletariado; para impedir que continue explorado em suas inteligencias, conservando-se ignorante dos progressos que sua causa vae fazendo no mundo; para emancipal-o da tutela intelectual que que sobre ele exerce a minoria dos letrados, jornalistas, com seu exercito de repórters e noticiaristas, que formam da imprensa louvaminheira o degráu para os cargos publicos e as sinecuras diplomaticas; para emancipal-o completamente da rotina é que se torna necessario recolocar a imprensa na elevada posição de arauto da liberdade, restabelecendo-a na sua grandiosa função de educadora, elucidadora, guarda avançada do progresso e da verdade, vanguarda do bom combate. Que a imprensa não sirva para dar colocação aos incensadores dos nulos; que a imprensa seja o guia sereno da sociedade e deixe o papel mesquinho de transformadora de bobéches em semideuses. Ha necessidade de uma seleção séria para a formação dos orgãos da opinião publica. Jornalista conheci, notavel pelo seu talento, pelo seu estilo, pela maleabilidade de sua inteligencia e mais ainda pela plasticidade de seu caracter, que uma vez me disse: «O bom jornalista é aquele que tem as vistas sempre voltadas para a caixa da empreza e a pena sempre pronta para defender os interesses industriaes do jornal de que é empregado. Não necessita ter opiniões, si as tem deve saber sacrifical-as aos interesses industriaes da firma comercial.» Eis ahi a psicologia do periodismo burguez e dos jornalistas a soldo e em aluguel da burguezia. Eis ahi como eles mesmos se definem, os que se apoderaram dos mananciaes donde devem jorrar, como em batismo de luz, as aguas lustraes, purificadoras e redentoras do Jordão.

Com igual calor hoje defendem o pró e amanhã o contra, conforme sôa o metal no mercado do apoio, ou da oposição, na tabela cambial da venalidade.

Conhecido é o caso referido nas rodas literarias, do modo porque vinte seculos depois de crucificado, escapou mais uma vez de um novo suplicio, mais uma vendido—Jesus Nazareno, cuja imagem anda nos mostruarios a preço reduzido de 30$000. Um notavel jornalista encarregado de escrever por quantia determinada, um artigo respeito de Jesus Cristo, pelo Natal, perguntou si era a favor ou contra o Homem-Deus que a empreza queria que escrevesse. Outro conheço eu que remetendo—«escreve-nos»—em defesa de desastrosa administração que fizera, bem acolhido nas colunas de um grande matutino, recebeu depois, serenamente, a remuneração de uma distincta cola oração. O proprietario de um jornal é sempre um *grande espirito: um grande talento, um distribuidor de graças e favores; um creador de notabilidades, um guindaste, uma cabrea para suspender* de abismos ignorados os genios, os super-homens, os grandes poetas, as maiores celebridades musicaes, teatraes, parlamentares e literarias. Que mau gosto tem nos jornalistas burguezes o proletariado! Seria uma medida de profilaxia moral aconselhar a recusa de taes venenos, como se aconselha a abstémia ao alcool, abstenção da cocaina, do éter e da morfina, que por sua vez são tambem toxicos sociaes.

Coliguemo-nos para sustentar uma imprensa livre, por intermedio da qual, em jornaes diarios, revistas, *magazins*, anuarios, panfletos, livros, ilustrações, cartazes artisticos, possamos atrahir pelos olhos do corpo e do espirito os que andam desgarrados na vida, desesperançados na luta, vencidos sem ter combatido. Infiltremos animo, coragem, calor, luz no espirito dos que de boa vontade desejam a renovação social sobre bases mais equitativas de Justiça e verdade.

FABIO LUZ.

Aos conductores e motorneiros da Light

O artigo que, com o titulo acima, foi publicado na «coluna livre» de «A Razão» do dia 11 do corrente pelo camarada José Joaquim Bastos, sugeriu-me algumas considerações que me apreso a enviar ao intemerato «SPARTACUS» que estou certo, não deixaria de lhes dar guarida, tratando-se, como se trata, de uma importante classe demasiadamente desprotegida dos mais comesinhos principios de justiça. O presente escrito não visa, absolutamente, combater as razões apresentadas pelo camarada Bastos aos meus companheiros de infortunio Conductores e Motorneiros, para que se unam afim de opôr um dique á prepotencia dos donos da Light, mas externar a minha opinião sobre o «porque» de *tanta apatia e frieza* da nossa *classe*, que até lhe parece não somos *viventes deste planeta*.

Quem escreve estas linhas é um dos muitos *escravos* da poderosa companhia, já ha tres longos anos, e este é o tempo mais que preciso para um individuo observador chegar á conclusão de que não basta aos infelizes servos do *pôlvo Canadense* unirem-se e correrem á unica organisação que representa a sua classe, que é o Centro dos Empregados em Ferro Vias, mas tambem apelar para os militantes das classes organisadas e demais trabalhadores que não tenham organisação, afim de que abstenham-se o mais possivel de cahir nesta terrivel *Bastilha*, não só porque os espera a mesmissima sorte dos que cá estão, como porque virão contribuir para continuação das infamias que os dirigentes da grande empreza cometem diariamente contra seus empregados.

Porque saibam todos os trabalhadores e o publico em geral, emquanto os *meus patrões* souberem que existe um exercito de individuos sem trabalho e, portanto, sujeitos a *cahirem* nesta masmorra—como eu e a maioria dos que para aqui vieram depois da formidavel crise de ha seis anos e que ainda persiste — não trepidarão em continuar a longa série de infamias e torpezas contra empregados de dez, doze, quinze e mais anos de serviços. Urge portanto, a meu ver, grande propaganda entre todos os trabalhadores, principalmente entre aqueles que não tiveram ainda a desdita de envergar a farda de Conductor, Motorneiro ou mesmo Fiscal, para que evitem de contribuir com seus esforços mal recompensados, com suas energias desperdiçadas inutilmente, para a continuação do lamentavel estado de coisas em que nos achamos, mau grado a fórte dóse de bôa vontade de um grande numero de companheiros que temos, aqui, dispóstos a todos os sacrificios na ocasião oportuna.

E' certo que necessitamos grandemente de convencer aos poucos individuos que daqui faltam ingressar no Centro dos Ferro-Vias — alguns dos quaes é-nos inteiramente impossivel convencer, dadas as indoles de obstinados *chaleiras* ou de maleaveis *carneiros*—não é menos certo, porém, e isso não é novidade para o camarada Bastos, que precisamos, e muito, preparar o grande Publico afim de que, ao rebentar aqui qualquer *encrenca*, não se vire ele Publico contra os empregados da Light, mas contra a propria Light, como prepotente, injusta e tiranica.

Por hoje é só.

M. de Oliveira.

Uma conferencia patusca

A' hora aprazada, efectivamente, como fôra anunciado pelos jornaes, realizou-se a conferencia publica do Sr. Vojtech Frich sobre o tema — *A doença do bolchevismo*.

A conferencia era publica, mas... de portas fechadas e por convites de ultima hora... e tambem com um magote de guardas-civis, soldados de cavalaria, agentes da segurança, secretas, comissarios, delegados districtaes, etc., etc... ao todo para mais de 50 mantenedores da ordem.

Os operarios, que se achavam á frente do edificio da maçonaria, onde se realizava a conferencia, tiveram a entrada vedada e eram enxotados e ameaçados pelo Major Carlos Reis em pessoa, pelo Julio Rodrigues e caterva:

— Saiam! não podem estar aqui!

Os operarios retrucavam:

— Mas os jornaes anunciaram uma conferencia publica... Isto não é sério!...

E assim deixámos a rua do Lavradio, ficando as imediações da maçonaria em verdadeiro pé de guerra.

Os proprios soldados e guardas-civis estavam aterrados com aquele movimento e sem saberem o motivo por que ali se achavam, indagavam dos seus comaradas, dos operarios e transeuntes o que havia.

Alguns curiosos faziam pilheria:

— Póde-se entrar naquele negocio com um bilhete do Cinema Rambolk?

Uma patuscada!

O que sabemos é que o tal conferencista não logrou o exito, que talvez esperasse, nem pelo numero da assistencia, nem pela substancia da sua arenga.

E no fim o camarada Palmeira levantou-se e desafiou o jornalista tcheco-slovaco Sr. Vojtech Frich para uma controversia publica onde e quando quizesse. Quasi tumulto na sala... E como a maçonaria receia o debate livre das idéas, o camarada Palmeira falou no salão da U. dos O. em Fabricas de Tecidos, ante-hontem, dissertando longamente sobre o *Comunismo*.

O Sr. Vojtech Frich, é claro... não apareceu lá.

Repórter.

A NOSSA IMPRENSA

"A VOZ OPERARIA"

Um novo paladino da emancipação acaba de aparecer em Campinas, S. Paulo, com o titulo acima.

A sua publicação é por emquanto eventual, prometendo, porém, normalizar-se dentro em breve.

Endereço: Rua da Conceição, 12, Campinas.

Avante!

JUIZ DE FÓRA

Avante, camaradas!

Uni-vos, operarios, num só pensamento. O comunismo brazileiro vos chama. Uni-vos numa sociedade unica, em sindicatos ou soviets, a caminho do maximalismo, que vos espera, bem proximo.

Recebei-o de braços abertos, que ele é o bem estar de todos vós, a revolução libertadora e a nova civilização do mundo.

Uni-vos, operarios! Avante!

Mineiro Vermelho.

Juiz de Fóra, 11-8-919.

ADMINISTRAÇAO

Entradas:	
Assinaturas	109$000
E. Blancö (Pacotes, n.° 1 e 2)	8$000
C. Duarte - Juiz de Fóra (Pacote n° 1)	1$000
Colecta em Juiz de Fóra	9$000
Liga C. Feminina	50$000
Resto da lista 22	18$000
João de Andrade	4$000
Venancio Gonçalves	4$000
Miranda Santos (Pacote n° 1)	1$000
Pedro Carneiro (Pacotes ns. 1 e 2)	4$000
Ferrão (« » 1)	3$000
Pedro Junior (Pacotes n. 1)	6$000
Rapuono (» » 2)	3$000
José Rodrigues	2$000
Ant. Fern. Pereira	5$000
Rafael Mateo	20$000
Pacotes avulsos	5$000
Lista de F. G. da C. Civil	22$000
Resto da lista 6	7$000
Cerdeira (Pacote, n° 1)	4$500
José Gomes de Oliveira	5$000
Aurelio Costa (Pacote, n° 2)	1$000
Salvador Napoli	2$000
Manjon (Pacote n° 2)	2$200
Ainda do Festival	38$000
Lista 23	39$000
J. Fernandes (Pacote n° 2)	3$000
	375$700
Saidas:	
Carretos do n° 1	10$800
Tipografia (6:000 exemp.)	36₆$000
Carimbo	8$000
Carreto	3$000
Redação	28$000
Administração	43$000
Cliché	10$000
Selos	3$800
Anuncios n'«A Razão»	6$000
Registrado	$900
	479$500
Resumo:	
Entradas	375$700
Salds anterior	1:350$400
	1:726$100
Saldo	479$500
Saldos	1:246$600

Rio 12 de Agosto de 1919

SANTOS BARBOZA

Correio

B. Alves — C. N. de Paranapanema-Scientes. Anotadas as indicações.

C. Duarte — Juiz de Fóra — Do n° 2 houve equivoco no pacote. Do n° 1 não é possivel. Satisfaremos o pedido do folhetos.

Gutierrez — *Santos* — Perfeitamente. O dinheiro? Sim.

— Polydoro, Bischoff, «Tribuna do Povo», Placido, A. M. Remadores da Bahia. Miguel Araujo — Fomos forçado a reduzir a remessa do n.° passado

Virgilio — Campinas — Está bem.

Regimen Pôdre!

A sociedade actual, a sociedade *limpa*, está apavorada ante o maximalismo.

Essa sociedade corrupta e pôdre clama contra o amor livre. O regimen da prostituição grita ser infame o bolchevismo porque ele trará o amor livre. Protestam os agiotas; esbravejam os ladrões; os assassinos tremen. A burguezia teme a Igualdade; amedronta-a a Justiça.

Depois da tempestade virá a bonança; antes do temporal nada melhorará.

O tufão colocará tudo em seus verdadeiros lugares. A revolução social é necessaria, é urgente. Só amanhecerão dias de paz apoz a quéda dos despotas. A derrubada deve ser imponente: perversos chorando; crápulas tremendo; assassinos implorando misericordia.

Basta de contemplações. Os tempos são chegados! Eia! Avante pelo comunismo!

Salve Spártacus modernos!

Para a frente anarquistas! Tudo venceremos e a podridão cahirá, cahirá nem que seja preciso ajudar a sua quéda com umas *laranjinhas*...

D'Almeida.

Os Massacres

E' uma grande pena que no Brazil não haja armenios ou judeus como na civilisadissima Europa. Nós teriamos diariamente sessões do *Grand Guignol* vermelho que funciona no Caucaso na Galicia e na Polonia para a edificação dos revoltados e para prestigio dos governos previdentes e providenciaes do velho mundo.

Em verdade nós no Brazil estamos atrazadissimos e não tivemos a inteligencia politica bastante para transfigurar os jagunços em judeus e os cangaceiros em armenios. Resta ao governo a esperança de organizar a farça vermelha com os maximalistas, e os seus esforços nesse sentido têm sido pouco eficazes. Como diversivo á empolgante sensação da marcha revolucionaria do paiz em busca da anarquia salvadora, seria um feliz achado, e com o nome de armenio ou judeu os nossos sabios governantes fariam um sucesso igual ao dos patriotas inglezes que ceifam aquelas victimas como tirica. Governo incompetente!

EXPEDIENTE

Spártacus publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa.

* * *

A redação e administração de Spártacus acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1°, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por paco e de 12 exemplares.

* * *

Spártacus aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.